

Marginália: cultura e expressão fora do eixo¹

Caroline Govari NUNES²
Aline MARTINS³
Camila Pilla de Azevedo e SOUZA⁴
Dieison MARCONI⁵
Josafá Lucas ROHDE⁶
Marília DALENOGARE⁷
José Antônio Meira da ROCHA⁸

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Marginália é uma revista elaborada na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso II, no curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Superior Norte. Com o intuito de inovar e retratar manifestações culturais que estão às margens em uma cidade essencialmente conservadora com o uso do jornalismo cultural, *Marginália* foge do comum e apresenta um dinamismo em sua abordagem editorial, confirmando que todas as reportagens foram realizadas após extensas entrevistas em profundidade e conhecimento do tema.

PALAVRAS-CHAVE: revista; expressão; margens; customização.

1 INTRODUÇÃO

A revista *Marginália* é um veículo de comunicação digital que, como o próprio nome sugere, propõe um diálogo sobre toda forma de expressão cultural que se encontra às margens, escamoteado, renegado pelo *status quo* que tanto a grande mídia e sociedade insistem em deixar fora do eixo do que é publicável e aceitável, seja como pauta, seja como modo de se levar a vida. Dessa forma, a primeira edição da *Marginália* traz para o centro de suas páginas temas como prostituição masculina e feminina, transformismo, homossexualidade, amor livre, relações não monogâmicas, tatuagens, músicas que beiram longe do cenário *mainstream*, moda brechó, dança e arte de rua. Muitos destes temas podem ser recorrentes em veículos dos grandes centros, no entanto no município de Frederico

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria V – Produção Transdisciplinar modalidade Revista Customizada (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: carolgnunes@msn.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: allinimartins@gmail.com

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo e-mail: camilapilla@gmail.com

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: dieisonmarconi@gmail.com

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: josafa.lr@gmail.com

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, e-mail: mariliadalenogare@hotmail.com

⁸ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, e-mail: joseantoniourocha@gmail.com

Westphalen que possui pouco mais de 30 mil habitantes e que adere a um ideário fortemente conservador e católico, faz com que por que mais temas assim insistam em bater na porta de todos, mostrando que a diversidade de condições, comportamentos e opiniões estão aí, esta mesma sociedade frederiquense tenta lhe negar esse status de existência e legitimidade social.

E é pela tentativa de dar visibilidade e destinar a esta cultura marginal um espaço de existência social que o jornalismo que se constrói nas páginas da *Marginália*. Para mostrar que o jornalismo cultural não pode e não deve se restringir a uma mera cobertura de eventos culturais, e que é função do mesmo valorizar não apenas a cultura de elite ou a cultura popular e massiva, mas sim as culturas que se localizam nos *guetos* da sociedade. PARK, about FILHO, p. 1, em seus estudos sobre as populações marginais, discute o assunto considerando a marginalização social e a interpreta tanto no plano coletivo quanto no plano individual. Sobre o conceito individual, o autor comenta que este se aplica à pessoa que pertence a duas culturas, ou, ainda, a alguém que se encontre às margens do contexto social sem usufruir dos privilégios dessa sociedade. O conceito também pode ser aplicado àquele que contravém a princípios convencionalmente determinados pela sociedade, ou ainda por algum desajuste psicológico que possibilite alienação.

Kowarick (1975) também estuda o conceito de marginalidade e comenta que, na esfera social, este conceito pode ser interpretado pelo modelo funcionalista – que se caracteriza pela falta de integração, e na dualidade entre classes sociais – onde a sociedade clássica se contrapõe à sociedade contemporânea, e a sociedade contemporânea e a marginal se contrapõem à sociedade unificada. Ainda na esfera social, o conceito de marginalidade refere-se ao exemplo de análise histórico estrutural, o qual percebe a marginalidade como resultado da própria estrutura vigente na sociedade, concebendo-a como um acontecimento proveniente de um tipo particular de inclusão na estrutura social.

Nas margens da revista *Marginália* também é possível encontrar dicas e sugestões de cinema, literatura, teatro, música e artes plásticas do cenário independente e *underground*, nacional e internacional. Pensada e produzida por uma equipe de seis estudantes, a revista *Marginália* é um veículo de jornalismo cultural que tenta inteiramente dar vez e voz a todas as culturas marginalizadas, pois a sensibilidade jornalística e humana nos faz reconhecer a necessidade de realmente dar essa vez e essa voz.

2 OBJETIVO

Objetivo geral

É objetivo da revista *Marginália* é levar aos leitores informações culturais que encontram-se marginalizadas, principalmente nas cidades do interior, apresentando um conteúdo diferenciado do que geralmente é pautado pela mídia, trazendo à superfície aquela informação que incomoda, em grande parte pelo estranhamento, somente por ser diferente.

Objetivos específicos

- 1) Levar as informações das margens da sociedade e das minorias sociais a um grande público;
- 2) Manter o público informado sobre a cultura do nosso país e do exterior;
- 3) Explorar todas as possibilidades do jornalismo cultural que, na maioria das vezes, é subestimado;
- 4) Produzir uma revista com conteúdo singular e desmitificar o que não está presente na grande imprensa;
- 5) Trazer informações diferenciadas ao público, as quais são excluídas dos grandes veículos, fugindo da zona de conforto do jornalismo.

3 JUSTIFICATIVA

A sociedade, através de crenças, ritos e tradições, é cerceada por inúmeras questões sócio culturais que são inerentes aos seres humanos. Em meio a este contexto, o indivíduo tem o dever de seguir os passos de seus antepassados, porém, muitas vezes, surge o transgressor, aquele que vai subverter o que até então vinha sendo praticado. Como o jornalismo exerce um papel de grande visibilidade na sociedade, acreditamos na possibilidade de, dessa forma, subverter convenções sociais e desafiar essas mesmas convenções.

Marginália expõem o lado B da sociedade, cumprindo, assim, um dos papéis da comunicação – o de apresentar as várias faces da sociedade, marginalizadas ou não.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Partindo do pressuposto de que o Laboratório de Jornalismo Impresso II deveria nos motivar a criar um produto diferente do anteriormente criado no Laboratório I, *Marginália* teve como principal foco a cultura *underground* de Frederico Westphalen e tratamento

estético minimalista. Mas, por que uma revista? Ao contrário do jornal diário que é mais objetivo e logo é descartado pelo leitor, uma revista, para Scalzo (2006) “une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação de acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (notícias quentes) e mais informação pessoal.” (SCALZO, 2006, p. 14). Embora o veículo de circulação seja diferente, mantivemos os princípios básicos do exercício de jornalismo, pois como retoma Scalzo (2006)

Os princípios básicos do jornalismo são iguais para qualquer tipo de veículo: o esforço para apurar os fatos corretamente, o compromisso com a verdade, ouvir todos os lados que envolvem uma questão, mostrar diversos pontos de vista na tentativa de elucidar histórias, o respeito aos princípios éticos, a busca constante da qualidade de informação, o bom texto. Qualquer que seja o jornalismo que se vá fazer, esse é o dever básico (SCALZO, 2006, p. 54).

Com o intuito de apresentar uma revista cultural, nos inteiramos da realidade do município e buscamos pautas que representassem a realidade cotidiana daqueles que são pouco percebidos. Sobre o conceito de cultura e de que forma deveríamos abordar o tema, fizemos uso do pensamento de Menezes (1996) que aponta que

A cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não-materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais da organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando ou transformando. Vê-se, pois, que antes de um refinamento ou sofisticação, a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade (MENESES, 1996, p. 89).

A partir daí, percebemos que a função do Jornalismo Cultural é revelar de forma clara e acessível “que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, p. 45, 2001), por isso a escolha do Jornalismo Cultural em nossa narrativa: carregamos a função social de apresentar e fazer a mediação entre o mundo restrito de nossos personagens e a sociedade em geral, garantindo, dessa forma, a riqueza dos temas e a mistura de assuntos que até então não eram discutidos no município. Piza (2004) nos suporta ao confirmar que cultura está em tudo e não combina com o tratamento segmentado do jornalismo convencional, por isso tivemos a liberdade de dialogar entre música, tatuagens, livros, sexualidade e arte de rua. Para entender esse universo, saímos do campo rotineiro jornalístico a fim de produzir reportagens autorais. Para Medina (2001), somente com a

reportagem autoral somos capaz de sair do enquadramento rotineiro, indo a campo e nos aproximando de uma leitura mais complexa e diversificada do que significa cultura, chegando, assim, ao sentido polifônico da construção jornalística e, conseqüentemente, mais perto do que uma obra de arte é capaz de nos oferecer.

Para a concretização da revista, optamos pela escolha do programa Scribus por ser um programa aberto e de uso gratuito, e nos apoiamos em Silveira e Cassino (2003) que apontam que a cooperação dos usuários leva a melhoria do programa, já que, por ser gratuito, está em constante aprimoramento.

O movimento de software livre é a maior expressão da imaginação dissidente de uma sociedade que busca mais do que a sua mercantilização. Trata-se de um movimento baseado no princípio do compartilhamento do conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada na rede mundial de computadores. (SILVEIRA e CASSINO, 2003, p. 36).

Em relação ao projeto gráfico, ficamos atentos à fidelidade da nossa proposta editorial e o estruturamos pensando no conteúdo final, ou seja, com o intuito de concluir um trabalho completo e atraente para o leitor. Dondis (1997), ao falar sobre a associação verbal e visual dentro das regras do *design* – as quais mesclamos com a estrutura jornalística, comenta que

A tendência a associar a estrutura verbal e a visual é perfeitamente compreensível. Uma das razões é natural. Os dados visuais têm três níveis distintos e individuais: o *input* visual, que consiste de miríades de sistemas de *símbolos*; o material visual *representacional*, que identificamos no meio ambiente e podemos reproduzir através do desenho, da pintura, da escultura e do cinema; e a estrutura *abstrata*, a forma de tudo aquilo que vemos, seja natural ou resultado de uma composição para efeitos intencionais (DONDIS, 1997, p.11).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A despeito de se tratar de um produto digital cuja abrangência é por natureza global, a revista *Marginália* tem como público alvo jovens entre 18 e 24 anos de idade (pela proximidade que esta geração possui com as mídias digitais) residentes do município de Frederico Westphalen e região (Médio e Alto Uruguai). Optamos por focalizar neste grupo por acreditar que a publicação preenche um vazio tanto na produção de revistas – escassa na região, como também atende uma linha editorial pouco explorada. A editoria cultura é comum à maioria das publicações jornalísticas e de entretenimento, mas o que se observa é

a predominância ou da cultura local, aspectos ligados a herança cultural da colonização (principalmente no interior do Rio Grande do Sul) ou então a exploração do *mainstream* (o que é de gosto comum a maioria da população), negligenciando grupos e práticas que fogem do comportamento padrão, o que denominamos de cultura marginal. Cabe destacar que, por estar focada em uma região interiorana, pautas que já ganham algum destaque nos grandes centros e capitais, aqui ainda são tratadas como marginais, como tatuagem, *body modification*, sexualidades etc.

A fim de criar um contraste entre forma e conteúdo, escolhemos deliberadamente uma linha de diagramação minimalista.

Nesse sentido, o *layout* da revista é limpo, econômico em cores (predominância de branco e preto) e linhas, as fontes principais não possuem serifa, os textos não possuem linha de apoio, as fotos não apresentam legendas e nem mesmo a publicação é separada em editorias.

FIGURA 01 – LAYOUT DA REVISTA



A revista foi projetada nas dimensões de uma folha A3 297 × 420 mm na orientação horizontal para que em ambas as margens houvesse um espaço (uma caixa com fundo preto contrastando com a página de fundo branco) para textos com informações suplementares não diretamente associadas à pauta da matéria da página (nesta primeira edição foram

publicadas dicas culturais de filmes, músicas, artistas, exposições etc). A diagramação da capa e das matérias procura seguir uma orientação geométrica, em linhas retas, também inspirada pelo minimalismo.

FIGURA 02 – CAPA DA REVISTA



A veiculação digital também foi aliada da nossa vontade de explorar o uso de imagens, incorporando um maior número de fotografias nas pautas e permitindo a realização de fotorreportagens e editoriais artísticos. É nesse momento que a *Marginália* ganha cores, quebrando com o padrão preto e branco sem se distanciar da orientação minimalista (as imagens não recebem bordas, linhas ou textos e são editadas em formas geométricas procurando um balanço com o branco artístico).

Todas as decisões sobre a forma e conteúdo da revista foram tomadas coletivamente por todos os repórteres em reuniões de pauta, mas a diagramação foi executada apenas por um integrante para garantir unidade ao produto. As pautas foram discutidas e decididas coletivamente, fruto das vivências e relações de cada repórter com a região. A revista tem como proposta abordar, a cada edição, um tema central que relaciona metade das pautas da publicação, no caso da primeira edição as quatro primeiras matérias abordam sexualidade de diferentes formas e sempre relacionado com cultura (e comportamento) marginal, como transformismo, prostituição, poliamor e tatuagem.

Marginália está hospedada no *Issuu*, <http://issuu.com/kaylua/docs/marginalia>, *site* que permite publicações digitais sem perder a ação do folhear impresso, mesmo que seja com a utilização do *mouse*. A plataforma é gratuita e dá ao arquivo um aspecto real, possibilitando ao leitor uma verdadeira revista eletrônica.

6 CONSIDERAÇÕES

A cada etapa de produção e confecção da revista *Marginália* sentíamos uma maior necessidade de cada história, de cada opinião, vivências e comportamentos serem mostrados, serem tirados do *gueto* e destinar-lhes um espaço social de visibilidade, propondo uma reflexão de que é preciso substituir conceitos e pré-conceitos por uma abertura de pensamentos e de compreensão de tudo aquilo é diverso e diferente, já que o minoritário ou “estranho” não justifica discriminação. O objetivo de ceder à cultura marginalizada um status de existência social mais amplo foi alcançado através de entrevistas e estudos em profundidade, na esperança de que através de páginas marginais e de um jornalismo cultural sério e comprometido, toda cultura ganhe vida longe de amarras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. Disponível em: <http://www3.uma.pt/dmfe/DONDIS_Sintaxe_da_Linguagem_Visual.pdf>. Acesso em: 16 abril 2013.

FILHO, Thomé E. T. **Marginalidade, desvio social e qualidade de vida**. Disponível em: <<http://professorthometavares.com.br/downloads/Marginalidade,%20desvio%20social%20e%20qualidade%20de%20vida.pdf/>> Acesso em: 16 abril 2013.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

MEDINA, Cremilda. Autoria e renovação cultural. In: **JORNALISMO cultural – cinco debates**. Florianópolis: FCC Edições, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Os “usos culturais” da cultura**. In: YÁZIGI, Eduardo et al (Org.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; CASSINO, João. **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2006.